



Vasco Rosa

# Vitorino Nemésio e Aníbal de Bettencourt

A Joana Morais Varela

Nunca deixará de nos surpreender e encantar o talento de Nemésio para tornar uma ou duas colunas de jornal numa peça literária de gabarito, que ele parece ter escrito com a facilidade dum risco, mesmo quando — e este é um caso entre mil —, parecendo divagar, dá nó a um feixe de temas que importam ao grande erudito que desde cedo foi. O «pequeno retrato fiel» (sic) do reputado bacteriologista Aníbal de Bettencourt havia dias falecido traz em moldura a evocação da sua moradia em São Pedro de Muel, entre mar e pinhal, uma edificação em madeira pintada de verde que não podia passar despercebida naquela estância de veraneio, onde já se destacava a mítica residência do poeta Afonso Lopes Vieira (décadas decorridas, acolheria uma pequena elite das artes e das letras portuguesas, entre arquitectos, pintores e cenógrafos).

Nemésio conheceu muito bem o litoral do centro do país, sobre o qual escreveu muitas crónicas de viagem ou de diarismo turístico (nem todas lançadas em livro), mas encontrar ali em São Pedro a Casa do Açor dos Bettencourt terá tido para ele, que então vivia em Coimbra, bem longe da sua Praia da Vitória, um sinal de apreço e saudade — independentemente das considerações de ordem ética, motivadas pelo ambiente político da época, que também faz. O pequeno painel de azulejos com a ave insular estilizada (de autor desconhecido) inscrito no muro da entrada da Casa do Açor deu certamente — a quem dois anos depois (1932) formulou o conceito de *açorianidade* — um «ponto de espanto» (sic) quiçá equivalente ao da tabuleta da república coimbrã de estudantes «Corsário das Ilhas» que bem conheceu e depois lhe inspirou o título das narrativas de viagem aos Açores que publicou em 1956.



Por outro lado, há também aqui o pleno re-conhecimento do especial contributo de açorianos no contexto nacional do seu tempo. Algo que merece ser revisitado ou descoberto pela gente de

hoje, como parte de um inescapável compromisso pessoal a cumprir. É que o pior destino da chamada ultraperiferia insular será perder por completo a noção de quem foram os seus, em que notabilizaram a sua terra-mãe, irradiando do meio do oceano qualidades científicas, artísticas, literárias e outras. Tornar prioridade do ensino novas disciplinas criadas por modas importadas, que dão destaque no convívio social a minorias estridentes e sem expressão demográfica, fará atrasar esse trabalho contínuo, essencial, de fazer plenamente reconhecida uma *identidade colectiva* a valorizar. Pretendem alguns vir desse desastre «a força do progresso», gerada por homens que se julgam a si mesmo como providenciais, sendo apenas políticos ambiciosos ou caciques partidários. Diria que só estaremos verdadeiramente a salvo desses, quando conhecermos bem todos os outros — o que aqueles não querem que aconteça, obviamente... Nesse sentido, o parágrafo final do artigo de Nemésio é duma eloquência cristalina — e num tempo de «famosos» e «influenciadores», de «redes sociais» e quejandos, o seu elogio do «mérito calado, humilde, que consiste em tecer no silêncio e numa quase obscuridade a teia de um sonho insistente», por quem soube «trocar a fama fácil pelo trabalho tenaz e desprendido», não podia ser mais actual. Admirável Nemésio!...

Vasco Rosa

Como sou um pouco melancólico, gosto de recordar aqueles que a morte levou. E há dias a morte levou uma pessoa que por várias razões me foi querida: o Prof. Aníbal de Bettencourt. Evito, porém, trazer à plana pública as minhas afeições particulares, em obediência ao costume, não sei se louvável se mazombo, de dar aos artigos de jornal um ar impessoal e gelado. O *eu*, o *eu* que Michelet temia lhe arrancassem, o *moi haissable*, é um proscrito do nosso tempo. Acham-no impróprio da maravilha de ubiquidade e indefinido que é o bicho-homem de hoje, o qual, não sei porquê, tenho o palpite que será conhecido no futuro pela ficha de *homo radiophonius*. E põem a modéstia e a reserva, como implacáveis pretorianos, de guarda ao execrável pronome...

No entanto, o *eu* é quase sempre um ingénuo e cálido veículo das coisas sinceras e profundas. Impertinente muitas vezes, é directo e veraz, franco e arrebatado. Tem, acima de tudo, o valor vivo do testemunho e o persuasivo calor da confidência.

No caso presente, a intrusão do eu do articulista que te propinam, proporciona-te, caro leitor, um pequeno retrato fiel do morto que há dias te elogiaram.

Conheci o Prof. Aníbal de Bettencourt [Angra do Heroísmo, 21 de Junho de 1868 - Lisboa, 9 de Janeiro de 1930] em São Pedro de Muel, a prai-zinha estremenha que Afonso Lopes Vieira encheu de aura, e que é realmente um sítio fadado para almas eleitas e cansadas. Uma concha, uns salgueiros, casas para alguns banhistas e duas vivendas deliciosas perfazem praia e povoado — de uma doçura, de um recato em tudo dignos da égide do chabeiro celestial.

Ali, de velha data, o poeta das *Ilhas de Bruma* [Coimbra: França Amado, 1907] dá entrevista ao mar na varanda da casa de São Pedro. Ali o homem de ciência elegeu um pequeno retiro para se refazer de ar novo.

A casa do Prof. Aníbal de Bettencourt embebe-se nas faldas do pinhal e chama-se «Casa do Açor» em homenagem ao berço do seu dono. Contento da alada alegoria, modesto e simples, patriarcal com a família e acolhedor para os hóspedes, ali se escondia uns tantos meses do ano o bacteriologista de exemplar probidade e professor de raro zelo.

Era um homem de bem, com um saber profissional que os competentes dizem sólido, entusiasta do ensino e da extensão universitária e, sobretudo, ansioso por criar, num país de psitacistas e madraços, o culto da investigação científica, a que deu alento e horizonte.

Como não há habitualmente olhos para este mérito — calado, humilde, que consiste em tecer no silêncio e numa quase obscuridade a teia de um sonho insistente —, é bom que nós, os faladores de profissão, façamos convergir a letra de forma em torno das poucas figuras que souberam trocar a fama fácil pelo trabalho tenaz e desprendido.

Em Portugal os grandes nomes são sobretudo os da ribalta: quer dizer, os que se revelam pela eloquência, pelo ouropele, pelo vulto que deitam nos *trottoirs* das cinco horas. E Portugal precisa tanto de espíritos superiormente singelos, que se desentranhem em trabalho e não curem de palmas efémeras!

Tanto que há a fazer no ensino privado e público fora dos métodos cansados da legiferomania portuguesa! E que fraca receptividade, por essas escolas e outros pedagógicos viveiros, a exemplos como o do Prof. Aníbal de Bettencourt!

Fiz deste artigo necrológico uma selva de pontos de espanto; sim. Mas que há de a gente fazer perante a surdez ambiente, o baixo nível ovante da própria baixaza, a insignificância alçada e cega?... Cruzar os braços, ou teimar nos exemplos limpos, honrados, do modelo Aníbal de Bettencourt?

Vitorino Nemésio

*Diário de Lisboa*, 14 de Janeiro de 1930, p. 5

